



A Lei Brasileira de Orgânicos Nº 10. 831/2003 E A Urgência Das Redes Agroecológicas De Produção: Uma Análise Sobre O Sul De Minas Gerais, Brasil

The Brazilian Law Of Organic Nº 10. 831/2003 And The Urgency Of Agroecological Production Networks: An Analysis On The South Of Minas Gerais, Brazil

Gabriela Taíse Poiati Xavier¹

¹Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG). Instituto de Ciências da Natureza (ICN). E mail: tpx.gabi@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a Lei brasileira de orgânicos nº 10.831/2003, e as brechas nessa legislação como uma “faca de dois cumes” que beneficia as grandes empresas sementeiras e o monopólio empresarial, mas ao mesmo tempo, e, por falta de acesso a políticas públicas e incentivos estatais aos pequenos agricultores e ao acesso à sementes crioulas, permite que o agricultor orgânico seja certificado. Na contramão disso, e entendendo que não há a necessidade de haver empresas que disponibilizem as sementes crioulas, as associações e cooperativas vem tentando construir alternativas que assegurem os agricultores na produção agroecológica, criando redes regionais de apoio, apesar dos desafios encontrados, como a construção de Casas de Sementes Comunitárias, que no decorrer da pesquisa, com entrevistas e trabalho de campo, foi possível identificar na mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais. No entanto, esse fator não exclui a necessidade urgente do incentivo público para que essas, se consolidem e atinjam a soberania na produção, com apoio técnico e programas eficientes de incentivo.

Palavras-chave: Monopólio empresarial; Incentivo Estatal; Certificação Orgânica; Casas de Sementes Comunitárias.

Abstract

The present work aims to discuss the Brazilian Organic Law No. 10,831 / 2003, and the loopholes in this legislation as a “double-edged sword” that benefits large seed companies and the business monopoly, but at the same time, and, for lack of access to public policies and state incentives for small farmers and access to creole seeds, allows the organic farmer to be certified. Contrary to this, and understanding that there is no need for companies that provide Creole seeds, associations and cooperatives have been trying to build alternatives that ensure farmers in agroecological production, creating regional support networks, despite the challenges encountered, such as construction from Community Seed Houses, which during the research, with interviews and fieldwork, it was possible to identify in the south / southwest mesoregion of Minas Gerais. However, this factor does not exclude the urgent need for public incentives for these to be consolidated and achieve sovereignty in production, with technical support and efficient incentive programs.

Keywords: Business monopoly; State Incentive; Organic Certification; Community Seed Houses.



Introdução

O presente trabalho é referente ao Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas/MG da autora, intitulado “Agroecologia e Casas de Sementes Comunitárias no Sul de Minas Gerais”. Esse trabalho, portanto, considera o materialismo histórico-dialético como método científico para compreensão da gênese do território brasileiro. Como método de pesquisa, foi utilizado entrevistas semiestruturadas e trabalho de campo. Com isso, buscou-se dar enfoque no presente artigo, para a necessidade do fortalecimento das redes agroecológicas regionais, destacando os riscos que os agricultores sofrem com a legislação brasileira de orgânicos (Lei nº 10. 831/2003).

Metodologia

Foram realizadas ao todo 3 entrevistas semiestruturadas com agricultores orgânicos certificados, que foram realizadas na Feira Agroecológica da Unifal/MG (FACU) e visou analisar se os agricultores certificados tinham conhecimento da existência dessa Lei, e que poderia ser modificada a qualquer momento.

Além disso, buscou-se durante as entrevistas questionar da existência de Casas de Sementes no Sul de Minas Gerais, e com isso, conseguimos destacar a existência de 2 Casas de Sementes Comunitárias na nossa mesorregião sul/sudoeste de Minas Gerais: a Casa de Sementes “Terra de Quilombo” localizada no município de Campo do Meio/MG, nas áreas de acampados e assentados do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), onde foi realizado um trabalho de Campo, e a Casa de Sementes “Mãe Terra”, localizada no município de Inconfidentes/MG no IFSULDEMINAS, que devido à distância não pode ser realizada presencialmente entrevistas/trabalho de campo, mas que teve a contribuição da ex-coordenadora da Casa em uma entrevistas por telefone. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a análise realizada posteriormente, buscando através do empírico, unir a teoria estudada através da pesquisa bibliográfica, com a prática e o relato de experiência e vivência dos sujeitos.

Resultados e discussões

Para garantir a produção orgânica ao consumidor, os agricultores que produzem com técnicas agroecológicas ou qualquer tipo de produção que não utilize os agroquímicos, como agricultura biodinâmica e agroflorestal, devem ser certificados. A necessidade de certificação para comercialização de produtos orgânicos foi realizada através do decreto 6.323/2007 que regulamenta a comercialização desses produtos. Um dos órgãos que trata das certificações no Brasil é o MAPA. Segundo os dados do MAPA (2019), no Brasil existem 36 Organismos de Avaliação da Conformidade Orgânica (OAC) credenciados, sendo 25 deles de Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica (SPG) e 11 certificadoras por auditoria.



Um desses, o Sistema Participativo de Garantia (SPG), fica localizado na mesorregião sul de Minas Gerais, a Central de Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas, ou “Orgânico Sul de Minas”. Essa, foi a primeira central de associações de produtores orgânicos da mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, e foi fundada no início de 2012 pelo IFSULDEMINAS, pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais - EMATER/MG e pelo MAPA, juntamente com as associações de produtores orgânicos que já haviam na região. Até o ano de 2018, o Orgânico Sul de Minas, concentrava 10 associações, 2 cooperativas e 2 grupos informais. Em 2017, 174 unidades eram certificadas (HIRATA, NERY; ROCHA 2018).

Todavia, o Orgânico Sul de Minas não somente realiza a certificação de produtos orgânicos e agroecológicos, mas consistem também em um órgão de consolidação da resistência desses pequenos agricultores, auxiliando na construção da conscientização e necessidade da produção agroecológica, através de cursos, palestras, visitas de verificação, reuniões, grupos de trabalho e também das atividades que são desenvolvidas, além da certificação, como por exemplo, o apoio na produção de feiras agroecológicas, que acabam formando uma rede de apoio entre esses agricultores e buscando ampliar também esses conhecimentos tradicionais, como ocorre na Casa de Sementes “Mãe Terra”, localizada no município de Inconfidente- MG e a Festa de Sementes Crioulas e Biodinâmicas do Sul de Minas, estimulando os agricultores à produzirem alimentos agroecológicos (HIRATA et al., 2018).

A certificação para obter o selo orgânico é um processo legal viável para a comercialização dos produtos orgânicos e agroecológicos, por isso, a necessidade dos agricultores se adequarem as normas exigidas. Entretanto, como já exposto, o acesso às sementes é uma grande dificuldade dos agricultores, que se fortalecem por meio dos Sistemas Participativos de Garantia, mas que se faz necessário também a conscientização a respeito da obtenção de suas próprias sementes, para principalmente obterem a autonomia em suas produções e se precaverem a sobre uma possível modificação de legislação que prejudicaria os que não obtém as sementes crioulas ou orgânicas. Desse modo, o OSM, exerce uma responsabilidade em expandir o conhecimento sobre as sementes e o acesso a elas facilitado para os agricultores.

Segundo os próprios entrevistados, os grupos que compõem o Orgânicos Sul de Minas são muito heterogêneos. Dentro desses grupos cada agricultor também tem essa heterogeneidade no modo de produzir. Diante do exposto, foram entrevistados 2 agricultores do grupo RAES. O primeiro entrevistado expõe seus produtos, incluindo a comercialização de sementes crioulas na Feira Agroecológica e Cultural da Unifal/MG (FACU).

Quando questionado sobre a origem de suas sementes, o entrevistado relatou que possui boa parte de suas produções com sementes próprias: “[...] feijão eu consigo ter, milho, quiabo, abóbora... mas verdura é difícil, por que ela é muito miudinha” (Entrevistado 1, agricultor do RAES). Foi possível observar que de modo geral, os agricultores conseguem armazenar melhor sementes de grãos e legumes, sendo que as hortaliças, são as sementes que possuem maior dificuldade de encontrar no mercado e produzir.



Esse entrevistado (entrevistado 1) acredita que se houver essa mudança na legislação, (que os produtos orgânicos só podem ser oriundos de sementes orgânicas), dificultaria muito para o pequeno agricultor que realiza sua produção com sementes convencionais. Dessa forma, demonstrou que teme que ocorra essa mudança justamente para marginalizar ainda mais os pequenos agricultores agroecológicos e para que os alimentos orgânicos se tornem ainda mais um nicho de mercado: “A legislação que vem de cima, dificulta pra quem é pequeno e vira coisa do capital, o orgânico, mas quem vai ganhar é o próprio capital”. Por isso defende a ideia da agroecologia: “O orgânico vai virar orgânico de mercado, se dificultar pro agricultor. O crescimento do orgânico é aquele orgânico embaladinho, que é totalmente diferente do agroecológico, o orgânico é um reflexo do trabalho agroecológico” (Entrevistado 1, do RAES).

Ainda para esse entrevistado, o armazenamento das sementes é algo pessoal: “Mas cada agricultor tem que ter seu banco de semente, eu mesmo, só não tenho de hortaliça” (Entrevistado 1, agricultor do RAES) além disso, relatou também a dificuldade em encontrar sementes crioulas no mercado, por isso defende a ideia da construção desses Casas de Sementes para que se fortaleça uma “rede orgânica” onde cada agricultor pode oferecer algo, como sementes e mudas e assim, se fortalecendo.

Foi possível visualizar a heterogeneidade dos produtores dentro do mesmo grupo com as mesmas perguntas direcionadas para os 2 agricultores entrevistados do grupo RAES. Diante da legislação, não é necessária a produção com sementes orgânicas/crioulas, mas alguns o fazem por ser muito mais prático, economicamente viável e também por questões ideológicas, voltadas para a autonomia na produção e independência do mercado externo das grandes empresas, como é o caso do outro agricultor do RAES (entrevistado 2), que relatou que não utiliza mais mudas nem sementes convencionais em sua propriedade: “Eu hoje não compro mais muda convencional na minha propriedade, isso foi uma diretriz minha, o RAES não exige isso, o Orgânico não exige isso, então exige isso, eu prefiro hoje não produzir do que produzir com muda convencional” (Entrevistado 2, do RAES).

Cabe também destacar, que essa “escolha” ela não deve ser generalizada, considerando que muitos agricultores não possuem essa “escolha”, por depender da venda de seus produtos para sobreviver. Ela passa a ser de fato uma escolha, quando houver a disponibilidade, conhecimento técnico e políticas públicas para que cada camponês possa escolher o que plantar e a origem de suas sementes.

A heterogeneidade das associações, grupos (até mesmo dentro deles), dos agricultores que compõe o Orgânico Sul de Minas foi visível durante as entrevistas. A Camponesa, talvez por fazer parte do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, possui uma consciência política, econômica e social sobre as sementes, demonstrando ser contrários a utilização das sementes do agronegócio, e que estão se organizando e realizando ações em busca da autonomia plena em suas produções:

Ao longo dos 35 anos de MST o que a gente sempre pensou, se a gente não for autossuficiente na produção a gente não se torna independente deles, então pra gente



começar a ser independente tem que ter a nossa própria semente, a nossa própria produção e ter como comercializar o produto de acordo com peso por ser orgânico, o valor agregado que ele tem, porque não tem como produzir o milho nesse capricho e na hora de vender vende pelo mesmo valor que o cidadão que produziu com os pacotão tecnológico. Se a gente não começar a mudar desde o cultivo do armazenamento da semente e da venda da produção a gente não sai dessa dependência do agronegócio (Entrevistado 3, da associação Camponesa).

Nota-se, portanto, na fala do representante entrevistado da Camponesa (Entrevistado 3) a consciência que possuem sobre o controle exercido sobre as sementes e sobre o mercado que determina os preços. O entrevistado relatou que cerca de 70% da sua produção já é realizada com suas próprias sementes, como milho, feijão, quiabo, cenoura, almeirão, agrião, alho, mostarda, coentro, cebola e abóbora, sendo somente as sementes de hortaliças que ainda não possuem e realizam a compra em agropecuárias.

Segundo agricultor da Camponesa, muitas famílias possuem sementes no assentamento de Campo do Meio/MG e foi catalogado somente de uma família, cerca de 250 espécies de sementes diferentes. Diante disso viram a necessidade da construção de uma Casa para o armazenamento ideal desses cultivares. A Casa de Sementes “Terra de Quilombo” está localizada no município de Campo do Meio/MG e tem o objetivo de resguardar e possibilitar a troca de sementes entre os camponeses produtores. Quando visitada (meados de 2019) a Casa já possuía alguns cultivares e estava em processo de adequação (colocando o ar condicionado) para exercer seu pleno funcionamento.

Além dessa Casa em construção nas áreas do MST, na mesorregião sul/sudoeste mineira, possuímos também a Casa de Sementes “Mãe Terra”, localizada na Fazenda-Escola do IFSULDEMINAS, *campus* Inconfidentes, MG. A Casa de Sementes “Mãe Terra” está em funcionamento desde 2016, e nasceu com uma demanda dos próprios agricultores da região, que com medo das modificações na legislação brasileira de orgânicos, e já sendo certificados, demonstraram esse interesse. Segundo a ex-coordenadora da Casa que foi entrevistada:

Essa casa é fruto da demanda, porque já trabalhávamos com os agricultores na parte de certificação orgânica e as sementes eram, e é ainda, o entrave na produção orgânica e ainda tinha uma norma/ determinação que no final de 2016 primeiro, depois 2018, que a produção orgânica não poderia utilizar sementes convencionais, só poderia ser com sementes orgânicas. E de acordo com essa normativa os agricultores estavam sempre muito preocupados com as sementes (Entrevistada 4, ex-coordenadora da Casa de Sementes “Mãe Terra do IFSULDEMINAS)

Ainda de acordo com as entrevistas realizadas com os coordenadores da Casa de Sementes, a presença do IFSULDEMINAS e cursos voltados para a área ambiental, também fortaleceu esse processo da construção da Casa, bem como a instalação e construção da Orgânicos Sul de Minas. Além disso, nessa mesma região, em Carmo da Cachoeira/MG, é realizada há 9 anos, anualmente, a Festa de Sementes Crioulas e Biodinâmicas do Sul de Minas, que inicialmente



começou com pouco público, organizada pelos próprios agricultores para trocarem experiências, conhecimentos e sementes agroecológicas e hoje atende um público de mais de mil pessoas de todas as regiões do Brasil.

A parceria da Orgânicos Sul de Minas, IFSULDEMINAS e diversas Associações de Agricultores Agroecológicos, possibilitou a realização e aumento do público da Festa de Sementes, bem como a construção dessa Casa, o que fortalece essa rede agroecológica da região.

Apesar da extrema potencialidade e do espaço físico ser adequado, a Casa, segundo a ex-coordenadora ainda existe o desafio de atrair mais agricultores, segundo ela a Casa anda em “desuso” e está mais voltada para as pesquisas dos estudantes do IFSULDEMINAS. A Orgânicos Sul de Minas através do Grupo de Trabalho sobre sementes, atualmente também vem trabalhando nesse sentido de divulgação e conscientização dos agricultores, sobre a existência da Casa, bem como da necessidade de possuir seus próprios cultivares e sua garantida de produção agroecológica desde o acesso à semente, para que dessa forma, a Casa deixe de ser uma potencialidade e que passe a se consolidar, de fato, enquanto um espaço para troca, beneficiamento e seguridade dos agricultores.

Conclusão

Diante dos estudos e pesquisas realizadas, ficou claro, portanto, que a mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais possui projetos e iniciativas para a autonomia na produção em relação ao acesso das sementes, para que de fato os pequenos agricultores, principalmente agroecológicos, consigam se desvincular das grandes empresas sementeiras com suas biotecnologias e sementes híbridas. O que foi possível absorver e observar durante as entrevistas realizadas tanto com os agricultores que compõe algumas das associações do Orgânico Sul de Minas, com a ex-coordenadora da Casa de Sementes “Mãe Terra” e o coordenador do GT sementes do Orgânico Sul de Minas, é que essa rede agroecológica existe e resiste em meio as biotecnologias e dificuldades do pequenos agricultores. Essa rede possui seus desafios, enquanto conscientização ou re-conscientização dos danos causados sobre os agricultores em relação as propagandas e facilidades de acesso e da produção com os “pacotões tecnológicos” e as sementes geneticamente modificadas. Apesar disso, essa rede está ativa e consciente que deve se expandir e atingir o máximo de agricultores possíveis, mostrando os benefícios e as potencialidades da produção agroecológica, partindo desde o armazenamento e melhoramento de suas próprias sementes, para assim, atingir a plena autonomia e soberania alimentar.

Vale destacar também que a construção das Casas de Sementes Regionais, através dos próprios agricultores facilita a troca e acesso entre uma determinada região, mas ela não modifica de fato as estruturas decorrentes do sistema capitalista, por esse fator, é importante destacar e defender as políticas públicas voltadas para o pequeno agricultor camponês poder produzir



suas próprias sementes, além de defender e lutar pela Reforma Agrária Popular defendida pelos Movimentos Sociais e tão necessária para que de fato, modifiquemos as estruturas e latifúndios deixadas ainda do período colonial por um país agroexportador.

Referências

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003. *Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências*. Diário Oficial da União. Seção 1, p. 8. 24 de dezembro de 2003.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. *Regulamenta a Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências*. Brasília, Diário Oficial da União. Seção 1, nº 249, p. 2. 28 de dezembro de 2007

BRASIL, 2014. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. *Instrução Normativa nº 17 e nº 46 de outubro de 2011*. Estabelece o Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de Produção, bem como as listas de substâncias e práticas permitidas para uso nos Sistemas Orgânicos de Produção. Junho de 2014.

HIRATA, A. R. ROCHA, L. C. D. NERY, J. A. *O Sistema Participativo de Garantia do Sul de Minas*. IFSULDEMINAS, Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/proex/pnae/O_Sistema_Participativo_de_Garantia_do_Sul_de_Minas.pdf. Acesso em: 20 set. de 2019.

MOREIRA, W. R da R. *Desafios da produção de sementes de hortaliças em Associações de Agricultores Orgânicos e Biodinâmicos no sul de Minas Gerais*. 2017. 122 f. Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.

OLIVEIRA, I. C. M. *Produção de sementes: um desafio para a agricultura orgânica*. 2016. 96 p. Trabalho de conclusão de curso. UFSJ, Sete Lagoas, 2016.